

Das ruas ao memorial: monumentos, silenciamentos e o ensino de História

From the streets to the memorial: monuments, silencing and the teaching of History

Yuri Leonardo Rosa Stelmach

Mestrando em História

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

yuri.stelmach@gmail.com

Recebido em: 12/03/2020

Aprovado em: 10/05/2020

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir questões concernentes ao ensino de História, tendo o *Memorial do Rio Grande do Sul* como o local gerador do processo de ensino-aprendizagem de alunos que visitaram esse espaço. As mediações debruçaram-se sobre a exposição itinerante “Monumentos e arte: a história da cidade em risco”, a qual expôs uma série de monumentos e estátuas públicas retiradas das ruas de Porto Alegre. Por meio dessas peças, a mediação buscou refletir sobre as histórias silenciadas por trás daquelas esculturas, visando perceber outros atores e grupos silenciados por uma história elitizada. Do ponto de vista teórico, valeu-se de Vygotsky (2010) e Bakhtin (1992) no que concerne à mediação interativa; Siman (2013), no que diz respeito ao ensino de História por intermédio da leitura da cidade; e Ramos (2016), sobre o conceito de objeto gerador. Por fim, acredita-se que os alunos tomaram posse de uma história mais plural, permeada por uma série de disputas e desigualdades sociais.

Palavras-chave: Educação patrimonial; Ensino de História; Mediação.

Abstract: This paper aims to discuss issues concerning the teaching of History, with the *Memorial of Rio Grande do Sul* as the generator of the teaching-learning process of students who visited this space. The mediations focused on the traveling exhibition “Monuments and art: the history of the city at risk”, which exposed a series of monuments and public statues taken from the streets of Porto Alegre City. By means of those pieces, mediation sought to reflect on the silenced stories behind those sculptures, in order to perceive other actors and groups silenced by an elite story. From the theoretical point of view, it was used Vygotsky (2010) and Bakhtin (1992), with regard to interactive mediation; Siman (2013), with regard to the teaching of History through reading the city; and also Ramos (2016), on the concept of generating object. Finally, it is believed that the students took possession of a more plural history, permeated by a series of disputes and social inequalities.

Keywords: Heritage education; Teaching of History; Mediation.

Introdução

O ensino de História pode ocorrer para além da sala de aula. Dentre os diversos cenários possíveis, os espaços museológicos – museus, memoriais, arquivos – são locais importantes nos quais os alunos visitantes podem entrar em contato com documentos, objetos e ações educativas elaboradas pelas próprias instituições, as quais tornam-se geradoras de processos de ensino-aprendizagem.

Os objetos da cultura material expostos no espaço museológico podem ser utilizados para a construção de reflexões sobre as relações sócio-culturais inseridas no tempo histórico. Dessa forma, prima-se pela construção de um diálogo crítico com o passado e sua ressignificação pelos indivíduos no presente. Quando entendido apenas enquanto um local em que contempla-se objetos antigos, o espaço museológico deixa escapar a oportunidade de compor, por meio de práticas educativas, um argumento crítico, historicizando as representações do passado em diálogo com a realidade social dos visitantes no presente.

Nesse processo dialógico, o mediador atua como um intermediário entre os objetos expostos e a reflexão crítica que se objetiva advir dos visitantes, em uma perspectiva que envolva e sensibilize o público a pensar criticamente sobre a história por meio dos objetos da cultura material.

Tendo em vista que a mediação ocorre por intermédio da interlocução entre o locutor e o seu receptor (BAKHTIN, 1992), surgem desafios e possibilidades nesse espaço no qual é possível (re)criar narrativas. Nesse escopo, este artigo tem por objetivo geral discutir questões concernentes ao ensino de História, tendo o *Memorial do Rio Grande do Sul* como o local gerador do processo de ensino-aprendizagem, neste caso, visitas guiadas de turmas escolares. Nessa ótica, surge a seguinte problemática: de que forma é possível refletir sobre as histórias da cidade de Porto Alegre por meio das peças presentes na exposição?

Especificamente, este estudo foi feito com a intenção de desencadear a reflexão sobre como outros indivíduos/grupos sociais aparecem ou não no patrimônio estatuário da cidade de Porto Alegre, à luz de Régis Lopes Ramos (2004), no que concerne ao ensino de História dos/nos objetos.

Para dinamizar a reflexão, foi proposto que os visitantes, ou seja, alunos e alunas da educação básica, pensassem em um novo título para a exposição, escrevendo-o em um cartaz que fora disponibilizado pelo mediador. Dessa forma, a atividade final foi utilizada com a finalidade de

refletir como ocorreu o ensino-aprendizagem (VYGOTSKY, 2010) na mediação proposta, para que a problemática e o objetivo aqui expostos fossem contemplados e respondidos.

Contextualizando a instituição, a exposição e os monumentos de Porto Alegre

Para prosseguirmos com a reflexão proposta por este artigo, cabe aqui uma breve contextualização do *Memorial do Rio Grande do Sul*, bem como da exposição intitulada “Monumentos e Arte: a história da cidade em risco”, em que se realizou o trabalho de mediação que inspirou o presente estudo.

Entre 1910 e 1914 foi construído na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, um prédio com objetivo de abrigar a central dos Correios e Telégrafos da cidade. A construção, de caráter monumental, caracteriza-se por um projeto arquitetônico eclético, mesclando temas neoclássicos - colunas, arcos, a figura mítica de Atlas em sua entrada - com um modelo barroco nos detalhes em seu entorno. Por mais de 60 anos, essa construção foi o centro por onde transitavam correspondências vindas e destinadas às mais diversas regiões do estado e do país. Mantendo suas funções originais até meados de 1980, o prédio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o qual também aprovou o projeto de restauração da edificação, iniciado em 1998.

No decorrer do ano 2000, após a conclusão das reformas necessárias, o prédio passou a abrigar o *Memorial do Rio Grande do Sul*,

[...] uma instituição cultural pensada para figurar como uma verdadeira vitrine do estado do Rio Grande do Sul, um lugar de memória e divulgação da história e da cultura gaúcha. Nesse sentido, a casa se abria para sociedade com uma exposição interativa visando a informação, a pesquisa e a educação através de atividades de mediação e ação educativa (BERTIN; ENDRES, 2012, p. 639).

Atualmente, a instituição é aberta ao público, contando com exposições permanentes¹ e itinerantes. A mediação realizada na instituição debruçou-se sobre uma mostra especial itinerante,

¹ O setor de Ação Educativa do Memorial oferece, atualmente, quatro atividades de educação patrimonial mediadas, sendo elas: (i) Memorial e seu entorno: roteiro que busca a reflexão dos visitantes sobre o espaço urbano e seus usos através do tempo; (ii) Em Território Negro: aborda-se a história do Largo da Quitando (atual Alfândega) nos séculos XVIII e XIX. O enfoque é dado para os homens e mulheres negros que fizeram/fazem parte da história da praça e da cidade; (iii) Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre: trata-se de constituir, no centro histórico de Porto Alegre, um roteiro de fruição, memória e história que estabeleça uma relação de identidade e visibilidade para a etnia negra. Esse roteiro é referenciado a partir de 04 monumentos construídos de forma coletiva, numa oficina, por artistas negros; (iv) Linha do Tempo de História do Rio Grande do Sul: composta de 36 painéis temáticos organizados cronologicamente, a Linha do Tempo é uma exposição que propõe um olhar abrangente e de longa duração da história social e política do Rio Grande do Sul, através de textos, ilustrações e mapas.

intitulada “Monumentos e arte: a história da cidade em risco”, a qual integrou a Semana do Patrimônio Cultural de Porto Alegre, no ano de 2019. A exposição exibiu uma ampla variedade de obras de arte e monumentos públicos – cerca de 25 objetos – que representam e homenageiam personalidades e eventos da cidade e do estado. Foram expostas peças datadas do final do século XIX e do decorrer do século XX, construídas em bronze, mármore ou cimento.

Em diferentes momentos, esses monumentos foram recolhidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre por motivo de vandalismo, furto parcial de suas peças ou por receio de que fossem alvos de futuras depredações. Conforme seu idealizador e curador², a exposição objetivou salientar a importância da estatuária pública e das peças de arte ao ar livre para a história e memória de Porto Alegre. Além disso, ela visou conscientizar a sociedade na tarefa de conservar e respeitar o patrimônio cultural da cidade.

Imagem 1: Panorama da mostra nas dependências do Memorial



Fonte: Setor de Ação Educativa do Memorial do Rio Grande do Sul. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/memorial.do.rs/photos/?ref=page_internal. Acessado em: 03/04/2020.

Portanto, foi nesse contexto exposto que se inseriu a mediação realizada no *Memorial do Rio Grande do Sul*. Sem ignorar os objetivos propostos pela curadoria da exposição, procurou-se elaborar um plano de ação educativa que permitisse aos visitantes observar a história da cidade de Porto Alegre por meio dos objetos expostos no local, isto é, os monumentos públicos.

Além disso, buscou-se evidenciar que o ato de monumentalizar um indivíduo ou um símbolo é uma escolha, geralmente de uma elite socioeconômica, em que ocorre o silenciamento

² Objetivo exposto na exposição pelo Prof. Dr. José Francisco Alves, coordenador da Memória Cultural na Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, idealizador e curador da mostra.

de outras histórias que compõem a história da cidade. Erguidas em nome da recordação de processos, eventos e personagens históricos que se relacionam com a memória da cidade e do estado, como exemplos ou comemoração de algo que deve ser lembrado, a estatuária pública reflete a própria história de Porto Alegre e a memória coletiva de seus habitantes.

Entende-se que o contato dos alunos com as peças da exposição, em conjunto com a mediação, constituiu-se em uma oportunidade para o olhar crítico e para a reflexão sobre os monumentos expostos, bem como sobre a história da cidade e sua relação com essas esculturas. Esses monumentos são de diversas épocas e, enquanto tal, correspondem aos valores, intenções, rememorações do período em que foram pensados e construídos.

Diante disso, buscou-se um olhar crítico da história de Porto Alegre, tendo essas peças como objetos geradores de reflexão (RAMOS, 2016). Se os monumentos contam uma história, deve-se questionar sobre quais histórias eles estão contando, e no que implica exhibir e silenciar outras narrativas.

No caso de Porto Alegre, a arte estatuária passa por alguns momentos específicos. Nos anos finais do século XIX e início do século XX, a arte pública da cidade é caracterizada por um estilo de tendências europeias, especificamente francesas. Muitas capitais brasileiras viveram essa tendência, fruto de uma série de transformações políticas, econômicas, sociais (como a passagem do Império à República) e, como consequência, urbanísticas. A questão dos melhoramentos urbanos³ esteve na pauta dos governantes que buscavam organizar a cidade num plano controlado e ordenado de desenvolvimento urbanístico e social, promovendo a diversificação dos locais disponíveis para implantação de construções monumentais, as quais se tornariam úteis à marcação e organização espacial do tecido urbano (MARINS, 1998-1999). Dessa forma, as praças são decoradas com monumentos e fontes de água, rodeadas por um ordenado trabalho de jardinagem.

Nos anos finais do século XIX, o Rio Grande do Sul percebe o crescimento e fortalecimento do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), cuja ascensão, em parte, advém com a queda do Império e proclamação da República. Tendo como grandes expoentes os políticos Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, o PRR foi responsável por acentuar a ideologia positivista no Estado, resumida no movimento de ordem e progresso. O positivismo, ao mesmo tempo que

³ Conforme Leme (2001), a expressão “melhoramentos urbanos”, no final do século XIX, significava uma série de práticas efetivas: obras de saneamento, construção de praças e grandes avenidas, no estilo das *boulevards* parisienses e londrinas.

fortalecia o projeto capitalista de modernização econômica e urbana do Estado, pregava o conservadorismo no que diz respeito às alterações sociais (KÜHN, 2011).

Na estatuária positivista porto-alegrense, segundo Doberstein (1995), eram celebrados os “heróis letrados”, em traje à rigor, portando um livro em suas mãos ou em gestual de oratória. Seus feitos políticos e intelectuais deveriam servir de exemplo para a sociedade sul-rio-grandense. Um grande exemplo é o monumento em homenagem à Apolinário Porto Alegre (produzido por Alfred Adloff em 1927) e que faz parte da mostra. A obra representa o político como um intelectual: enquanto sua mão esquerda apoia seu queixo (em pose de pensador), sua mão direita segura um livro. Sua biografia justifica a homenagem por parte do governo positivista do período: membro fundador do PRR, foi escritor, poeta, professor, jornalista e historiógrafo.

Após a década de 1930, há uma guinada da arte estatuária de Porto Alegre em direção à chamada ideologia do gauchismo. Com o enfraquecimento do positivismo e, conseqüentemente, do primado urbano sobre o rural, do universal sobre o regional (DOBERSTEIN, 1995), os monumentos públicos da cidade são construídos com forte apelo temático às representações da cultura gaúcha e dos mitos do regionalismo.

A Guerra Civil Farroupilha tornou-se tema de homenagem em algumas obras, a partir de 1935, ano que marcou o centenário do conflito bélico, visto como o momento em que o Rio Grande do Sul levantou-se em armas contra o Império do Brasil, marcando, dessa forma, o mito do “herói gaúcho”, sempre disposto a lutar contra aqueles que se opõem a sua liberdade. Em certa medida, esses monumentos compuseram uma narrativa para a fixação da figura idealizada do gaúcho no imaginário social de Porto Alegre. Dito isso, segue-se com os objetos e a história da cidade de Porto Alegre.

Os objetos e a história da cidade

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) concebe o patrimônio histórico cultural enquanto um conjunto de bens materiais e imateriais – conjuntos históricos, prédios, construções, monumentos, celebrações, manifestações artísticas e religiosas, percebidos individualmente ou em sua totalidade. Estes integram e são representativos da história, da memória, da cultura e da identidade das diferentes coletividades que formam a sociedade⁴. Ressalta-se que a

⁴ Site do IPHAN (2014).

ação de se pensar/considerar algo como patrimônio é permeado por interesses e disputas simbólicas, políticas e financeiras entre os atores envolvidos no processo de tombamento⁵.

Nesse sentido, concebe-se a educação patrimonial enquanto um processo educativo que visa a um aprendizado social, tendo o patrimônio cultural como foco. Essa prática educativa objetiva que o patrimônio seja apropriado pela sociedade, como um recurso para a compreensão sócio-histórica de todas as manifestações que permeiam as referências culturais de diferentes coletividades que formam a sociedade (FLORENCIO, 2014). Conforme Tolentino (2016, p. 47), o patrimônio cultural é

[...] concebido como um elemento social inserido nos espaços de vida dos sujeitos, que dele se apropriam, deve ser tratado, nas práticas educativas, levando em conta a sua dimensão social, política e simbólica. Isso implica dizer que, nas ações educativas, o patrimônio cultural não pode ser tratado como pré-concebido, em que seu valor é dado a priori, cabendo ao indivíduo aceitar essa valoração e reconhecê-lo como parte de sua herança cultural.

Além disso, o autor salienta que as práticas educativas em torno do patrimônio devem reconhecer o jogo de forças existentes no processo de seleção e apropriação dos elementos patrimonializados, salientando as divergências e os conflitos nessa “luta entre memória e o esquecimento” (TOLENTINO, 2016, p. 47). Nesse sentido, as peças exibidas na exposição possibilitaram refletir sobre quais elementos, indivíduos, histórias e memórias da cidade estavam (e estão) sendo monumentalizadas e quais estão sendo silenciadas. Por meio dessa reflexão, procurou-se perceber como os monumentos foram utilizados para a preservação de uma determinada memória que corresponde às parcelas da elite porto-alegrense. Por meio do plano de ação em educação patrimonial, primando pela diversidade que forma a história da cidade, visou-se

[...] o processo dialógico e democrático dessa prática educativa, numa perspectiva freiriana, que preza pela alteridade, pelo respeito à diversidade cultural e pela participação ativa dos produtores e detentores do patrimônio como sujeitos sócio-históricos (TOLENTINO, 2016, p. 40).

Salienta-se que a abordagem crítica das peças foi realizada levando em consideração o contexto histórico e social em que foram produzidas, procurando não cair em uma interpretação anacrônica dos monumentos. A partir disso, refletiu-se sobre os monumentos que estão sendo

⁵ Sobre os conflitos e disputas que permeiam os processos de tombamento e patrimonialização, ver Velho (2016), em que o autor discorre sobre o caso característico do terreiro Casa Branca, ocorrido em Salvador em 1984, além de trazer outros exemplos.

produzidos e ocupam o espaço urbano no tempo presente, as continuidades e descontinuidades dos aspectos que norteiam o processo de monumentalização.

Um dos objetivos em relação ao plano de mediação proposto ao Memorial foi perpassar a história de Porto Alegre por meio dos objetos expostos, colocando os estudantes em contato direto com as peças ali presentes, primando pela reflexão sobre a história da cidade. Por meio desse contato, incentiva-se a sensibilidade dos visitantes em observar as características que formam materialmente os monumentos: a forma que representam algo/alguém, o material de que são feitos, tamanho, peso, danos sofridos e os trajetos percorridos ao longo do tempo, até chegarem à exposição. Em conformidade com Régis Lopes, buscou-se, portanto, uma “História dos objetos”, que pressupõe o estudo da “História nos objetos”, isto é, ter os objetos como fonte de reflexão da sociedade, uma vez que são indícios de traços culturais (RAMOS, 2004, p. 22). Nesse sentido, as peças expostas foram utilizadas como objeto gerador, o qual tem como objetivo

[...] motivar reflexões sobre as tramas entre sujeito e objeto: perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano. Ora, tal exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento do novo na experiência vivida: conversa entre o que se sabe e o que se vai saber – leitura dos objetos como ato de procurar novas leituras. (RAMOS, 2016, p. 73).

Com o intuito de ilustrar a mediação e as reflexões advindas da visita dos estudantes ocorrida na exposição, é preciso adentrar-se sobre alguns dos monumentos que compuseram a mostra. O fio condutor da mediação perpassou por diversos momentos da história da cidade e pelas ideias que nortearam tanto o plano urbanístico de Porto Alegre quanto a relação das obras com o contexto sócio-político em que foram produzidas. A visita guiada foi estruturada de maneira que os alunos pudessem observar cronologicamente as diferenças artísticas e ideológicas que nortearam a confecção das peças, dentro do contexto histórico da cidade de Porto Alegre. Salienta-se que, em algumas peças expostas, não foi possível obter muitas informações sobre suas especificidades, como a solicitação de fabricação, autoria ou solenidade de inauguração.

Dessa forma, o trajeto iniciou-se pelas peças datadas da virada do século XIX para o XX que, como exposto anteriormente, foram parte de um processo urbanístico baseado nos traços das grandes cidades europeias. Examinando-se as obras Estátua do Rio dos Sinos (importada da região de Carrara, Itália) e O Menino da Cornucópia (fabricada pela fundição Louis Thiriot, na França), os alunos foram convidados a falar sobre os elementos que compunham as peças. Dentre as falas, expuseram temas da mitologia greco-romana, pois a estátua representa uma ninfa, enquanto que o

Menino um tritão (as pernas dão lugar às nadadeiras), isto é, mensageiro de Poseidon, divindade grega dos mares e oceanos. Originalmente, ambas as peças eram parte de conjuntos que formavam chafarizes em praças de Porto Alegre.

Afastado das demais peças da exposição, os estudantes depararam-se com o busto em homenagem a Apolinário Porto Alegre (confeccionado em bronze pelo Alemão Alfred Adloff, em 1927). Essa peça pode ser caracterizada como uma “cartilha” da ideologia positivista difundida no período. Ao abordar brevemente o positivismo com os alunos, perguntou-se para eles qual a aproximação dessa ideologia com a linguagem plástica do monumento. Quase que de forma unânime, os alunos salientaram a pose de intelectual na qual Apolinário foi representado: enquanto o queixo é apoiado em uma das mãos, a outra segura um livro, como se a personagem refletisse sobre algo que acabara de ler.

Outra peça trata-se de uma placa em bronze, de autoria de Alfred Adloff (1928). Foi dedicada ao então prefeito de Porto Alegre, Otávio Rocha, no contexto de abertura da avenida Júlio de Castilhos. Reside nessa peça uma dupla homenagem. No canto esquerdo da placa, encontra-se uma figura masculina, sentada sobre uma frase em francês: *les grandes hommes / sont les phares / de humanite* (os grandes homens são os faróis da humanidade). Os visitantes foram questionados sobre as possíveis interpretações dessa frase, tendo em mente os homenageados na peça (ambos homens e políticos) e a ideologia positivista, para a qual a história é uma vitrine para admiração dos feitos e dos “grandes homens”, “heróis” do passado.

Passando para os monumentos elaborados após 1930, percebe-se as características de um momento no qual a ideologia positivista em declínio mesclou-se com o conceito de arte regional, intitulado de gauchismo. Foi um período no qual monumentalizou-se personalidades estaduais, municipais e expoentes da Guerra Civil Farroupilha, devido à comemoração do aniversário de 100 anos do conflito, em 1935. Na exposição, estavam presentes a placa de metal do Obelisco Sírio-Libanês, doado pela comunidade sírio-libanesa em homenagem aos farroupilhas (Alfred Adloff, 1935), bem como a placa do monumento a Bento Gonçalves (Antônio Caringi, 1935), dedicada aos soldados que lutaram no conflito. São peças relativamente simples, compostas plasticamente por um texto, em letras vazadas, sobre a peça de metal.

Apesar da simplicidade visual das peças, elas permitiram refletir sobre a memória da Guerra Civil Farroupilha na história do Estado. Esse foi um dos momentos mais interessantes da mediação, pois os alunos trouxeram questionamentos baseados em conhecimentos prévios sobre

o conflito. Uma aluna do sétimo ano perguntou sobre os motivos de se comemorar, no Rio Grande do Sul, uma guerra que, na verdade, foi perdida pelo Estado. Contextualizar o conflito abriu a possibilidade de problematizar os indivíduos que são monumentalizados/homenageados em detrimento de outros personagens/coletivos históricos como, por exemplo, o corpo de Lanceiros Negros⁶.

Os dois últimos monumentos inseridos na mediação são, na verdade, dois modelos representativos de seus originais. O primeiro, estátua em bronze do Laçador (Antônio Caringi, 1954); o segundo, Monumento aos Açorianos, construído com chapas de ferro por Carlos Tenius, em 1973. Originalmente localizado ao lado do Aeroporto Salgado Filho, medindo mais de 5 metros de altura (considerando seu pedestal), o Laçador exposto na mostra resulta de uma impressão 3D de aproximadamente 2 metros. O trabalho de escaneamento e impressão foi realizado pelo Laboratório de Design e Seleção de Materiais⁷ da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LDSM/UFRGS). A peça representa um indivíduo masculino, fisionomia séria, corpo forte, ereto e altivo. Conforme Alves (2005), o movimento tradicionalista queria, para a cidade, um símbolo “representativo” da identidade gaúcha, que Caringi procurou traduzir em sua obra. Desde 2001, o monumento é tombado como patrimônio histórico de Porto Alegre.

Com relação ao Monumento aos Açorianos, a exposição conta com a maquete de ferro utilizada como protótipo do monumento original, que encontra-se no Largo dos Açores, em Porto Alegre. Medindo aproximadamente 2 metros de comprimento por 1 metro e meio de altura, a maquete apresenta-se como uma grande escultura, a qual conserva as marcações, em sua estrutura, dos profissionais que a criaram. Com relação às suas dimensões, seu original é considerado o maior monumento público da cidade, sendo inaugurado no aniversário de Porto Alegre, em 1974. Por meio de traços futuristas e abstratos, a linguagem plástica do monumento foi pensada para representar os primeiros casais que vieram do arquipélago dos Açores (Portugal), na segunda

⁶ O corpo de Lanceiros Negros era uma unidade militar na Guerra Civil Farroupilha, formada por homens escravizados, para os quais foi prometida a alforria após o término do conflito bélico com o Império. Protagonizaram o episódio chamado de Massacre de Porongos, onde, por meio de um acordo entre o comando Farroupilha - na pessoa de Davi Canabarro - e o Legalista, os lanceiros foram desarmados e, durante a noite, massacrados pelas tropas imperiais. Para maiores informações, ver Kühn (2011).

⁷ O LDSM integra a tecnologia 3D de scanners e impressão, com ações de conservação, proteção e promoção do patrimônio cultural. Atualmente, conta com um repositório 3D on-line, onde é possível visualizar os modelos tridimensionais oriundos dos projetos de digitalização do Laboratório. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ldsm/>>.

metade do século XVIII, com o intuito de povoar a região onde atualmente encontra-se Porto Alegre. Portanto, é uma peça construída para representar o “mito fundador” da cidade.

Por mais que o Laçador retrate apenas um indivíduo e o Monumento aos Açorianos represente um grupo de indivíduos, em ambas, há a despersonalização dos homenageados, utilizando a expressão de Marins (1998-1999). O Laçador é um indivíduo que representa o coletivo gaúcho, que deve servir de identificação para todos que compartilham essa identidade, por mais “mítica” que ela possa ser. O Monumento aos Açorianos, por sua vez, exibe uma série de indivíduos, sem rosto ou vestimentas, as quais são guiadas por uma figura alada que aponta para o outro lado do Atlântico. A peça transmite a imigração, o horizonte de expectativas voltado para o início de uma nova vida em solo brasileiro. O abstracionismo da peça permitiu, por parte dos alunos, diversas interpretações sobre o que é visto. Enquanto alguns enxergavam a peça formando uma caravela, outros concentravam apenas no ser alado, identificando um anjo ou um pássaro. Com isso, surgiu a possibilidade para alunos perceberem uma das funções artísticas da escultura, qual seja causar estranheza e permitir uma miríade de interpretações da sua linguagem plástica.

Assim, o contato dos alunos com as peças da exposição constituiu-se em uma oportunidade para a reflexão e leitura dos monumentos expostos e a relação deles com a história da cidade, pois foram feitos para o espaço urbano e apreciação pública. Monumentalizar um símbolo ou um indivíduo pressupõe uma intenção, dessa forma, aquelas peças são vestígios de manifestações sociais e culturais de um determinado contexto histórico de Porto Alegre. As estátuas podem ser observadas enquanto documentos para a interpretação do passado, vinculados em uma perspectiva de história-processo (ALVES, 2015).

Para Lana Mara de Castro Siman (2013), a cidade é um texto a ser lido por meio dos objetos que a constituem. A autora argumenta que para a compreensão da história na leitura da cidade-texto passa pela observação de suas palavras, signos, objetos e paisagem da urbanidade. É por meio dessa leitura dos elementos formadores do espaço urbano que se abre a possibilidade de uma releitura da história da cidade e dos indivíduos que habitam nesse espaço, seja nos centros, seja nas margens. Dessa forma, a autora salienta a necessidade do desenvolvimento de sensibilidades para a observação histórica da cidade, isto é, o olhar para além do que é visto. Além disso, requer do observador a curiosidade “[...] pelas camadas do tempo que se declaram e se indiciam na sua materialidade e simbologia” (SIMAN, 2013, p. 5).

Em termos metodológicos, o grande desafio na leitura da cidade

[...] é o de revelar o escondido através de uma arqueologia do texto/tecido sobre o urbano que busca expor o que não se percebe em um território sempre transformado por novas edificações, novos traçados, novos atores sociais e novos usos. Uma arqueologia que pode fazer uso de documentos que secretam rastros e marcas daquilo que não mais se pode ver (SIMAN, 2013, p. 5).

Nesse sentido, procurou-se caracterizar as peças expostas enquanto documentos do passado da cidade, refletindo em conjunto com os alunos visitantes as histórias da cidade por meio das peças. Por exemplo, quando observadas as estátuas do Rio do Sinos e a do Menino da Cornucópia (ambas do século XIX), reflete-se a influência europeia no contexto de melhoramentos urbanos da cidade de Porto Alegre. Para além disso, procurou-se trazer para a reflexão em grupo que a sanha pela urbanização do centro da cidade foi marcada por um caráter racista e higienista, em um processo histórico de marginalização das comunidades negras que habitavam o centro da cidade. Essas peças são fruto de um contexto – iniciado no final do século XIX com continuidades no século XX – onde a população negra de ex-escravizados foi empurrada para as periferias da cidade⁸ e afastados do centro urbano da capital gaúcha, território historicamente identitário dessa população. A mesma reflexão foi proposta aos alunos quando observado o busto do positivista Apolinário Porto Alegre e de Otávio Rocha, antigo prefeito conhecido como “o reformador”, devido às obras públicas que realizou.

Foi observado pelos alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental a ausência de personalidades mulheres na arte estatuária. Essas, quando aparecem, eram identificadas com termos genéricos (a ninfa, a estátua do Rio do Sinos), mas nunca representando uma personagem real, personalidade política e heroica da história da cidade. Por último, ainda cabe o exemplo da peça mais recente que se encontrava exposta, o Monumento aos Açorianos (1973). Essa peça retrata a chegada dos casais advindos da Ilha dos Açores, em Portugal, no ano de 1752, o que é considerado como feito fundador da atual cidade de Porto Alegre. Nesse momento da mediação, questionavam-se os alunos sobre a existência de outras comunidades anteriores aos açorianos e quais os motivos de eles não serem considerados na história oficial da cidade. Tal história não considera as comunidades indígenas que habitavam esse território antes da chegada europeia na

⁸ Um dos exemplos mais famosos na história de Porto Alegre, no final do século XIX, é o da Colônia Africana, local onde formou-se uma comunidade de ex-escravizados, os quais cada vez mais eram destituídos do acesso ao centro urbano da cidade. No decorrer do tempo, a própria Colônia Africana foi se modificando, fazendo com que a população negra deixasse o local. Atualmente, sua nomenclatura atende por Bairro Rio Branco.

região. Foi apontado, pelos alunos do sétimo ano, a inexistência de monumentos em homenagem a personalidades, coletividades negras ou indígenas.

Assim, viu-se na exposição “Monumentos e Arte” a possibilidade de utilizar os objetos como fonte para a reflexão, lançando mão das peças para adentrar nas histórias ainda pouco abordadas. Conforme Knauss (2010), o argumento crítico sobre a beleza artística de uma peça pode colocar em xeque não apenas a forma, mas a leitura da história realizada pelo monumento, isto é, uma interpretação do passado ali preservada. Por meio disso, objetivou-se pluralizar a história de Porto Alegre, refletindo sobre as diversas culturas e comunidades que a formam.

Há partes e trechos da cidade que são mais visíveis e/ou são aqueles para os quais nossos olhares foram educados para ver. Há uma cidade mais visível do que invisível, uma cidade que se expõe e se impõe ao olhar do cidadão: os monumentos, as casas de poder e do poder da memória. Observar monumentos como documentos é condição para compreender suas intenções de perenização. Monumentos/documentos construídos com solidez capaz de desafiar a passagem do tempo, as intempéries naturais, deixando-se tocar e reinterpretar por sucessivas gerações, testemunhando os discursos, as lutas de poder e o gosto estético que se reconstróem ao longo da história (SIMAN, 2013, p. 8-9).

A mediação realizada também possibilitou que os estudantes refletissem sobre a função dos monumentos públicos e que a escolha dos temas, indivíduos e fatos monumentalizados não é neutra, mas fruto de escolhas coletivas de uma determinada classe social.

Dito isso, no que diz respeito à ação educativa proposta para a exposição, volta-se às questões de ensino-aprendizagem, uma vez que a função do mediador em um espaço museológico é indagar, questionar, isto é, incentivar a reflexão por meio daqueles objetos expostos. Afinal, a relação do mediador com os alunos constitui-se em uma troca de saberes, haja vista que eles estão em uma relação dialogal.

No que concerne ao ensino-aprendizagem, Vygotsky (2010) explica que, para considerar o desenvolvimento do sujeito, é preciso, concomitantemente, levar em consideração a história da sociedade que ele está inserido. Por isso, o autor defende que a forma com a qual o educador tenta transmitir seus conhecimentos a seus alunos afeta no processo de aprendizagem dos discentes, uma vez que o sujeito está em uma relação de troca, por meio da qual transmite seus pensamentos, experiências, cultura etc.

No caso da mediação, ao abordar figuras da sociedade de Porto Alegre aos alunos, não nos atendo apenas às figuras expostas na exposição, trazendo histórias silenciadas por trás daquelas já trazidas, tentou-se incluir o aluno na história da sua região, da sua sociedade. E isso, à luz de

Vygotsky (2010), contribui, ou espera-se contribuir, no desenvolvimento daqueles alunos. Isso é uma forma de trazer uma história silenciada de Porto Alegre: negra, indígena, buscando um ensino de história plural e democrático, fugindo dos problemas trazidos por uma história única e elitizada da cidade.

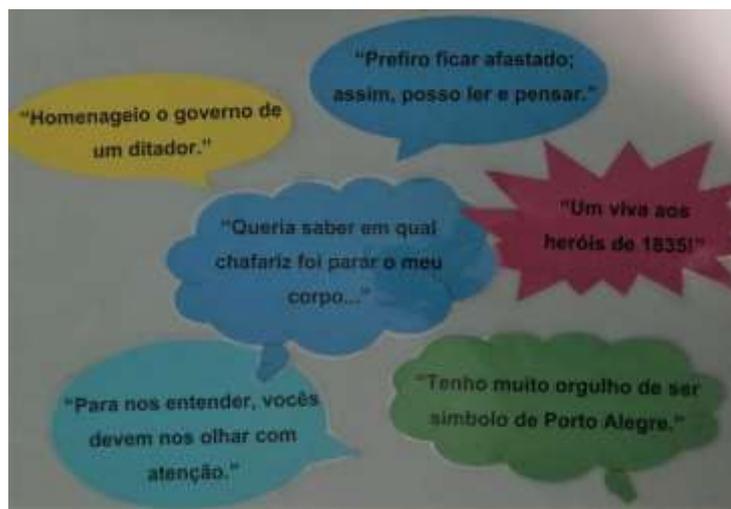
Para Bakhtin (1992), a mediação é vista como uma interlocução entre o mediador e os estudantes, levando em consideração o contexto e a situação de classe de cada indivíduo. Ademais, a mediação vai além da exposição de temas; ela, à luz de Bakhtin (1992), busca construir sentidos e reflexões entre os objetos expostos e o público, na interação destes com a mediação da ação educativa da Instituição. Dessa forma, o mediador

[...] não deve expor a exposição e sim provocar, nos visitantes, a vontade de ver objetos. No caso de turmas escolares, as alternativas de trabalho assumem certas especificidades. Ao invés de guiar a visita dando explicações, o monitor pode desafiar os estudantes mediante exercícios que serão realizados a partir do contato com a exposição. Ora, isso permite que o aluno descubra que os museus são fontes de saber - abre vias de acesso para a fruição cognitiva, pois ele mesmo torna-se responsável pelo ato de responder à provocação colocada (RAMOS, 2004, p. 25).

Assim, para que a presente mediação acontecesse, a partir dos postulados acima, desenvolveu-se um momento inicial com os alunos, por meio do qual foi possível que eles adentrassem, de forma livre, na exposição, construindo suas próprias perspectivas iniciais.

Para tal, no início da mediação, os alunos dividiram-se em pequenos grupos, momento no qual cada grupo recebeu uma placa. Esses objetos possuíam uma pequena legenda, que representou uma fala ou um sentimento de determinado monumento. A Figura 1 a seguir mostra o material utilizado.

Imagem 2: Placas utilizadas na atividade



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O objetivo foi mobilizar os alunos para que percorressem o local, observassem as peças expostas, fazendo com que eles e elas se apropriassem do espaço da exposição. Acredita-se que a reflexão sobre as frases, em diálogo com as peças, permitiu que uma curiosidade inicial fosse desencadeada sobre a exposição, propiciando que os sentimentos dos alunos florescessem sobre o que estava sendo visto por eles. Para as atividades inicial e final da mediação, optou-se pela utilização de materiais que incentivassem os alunos a participarem da dinâmica proposta. Dessa forma, utilizou-se materiais que, de forma criativa, realizassem um convite para a atuação dos estudantes (SIMON, 2012), em um espaço de história e memória que preza pela participação ativa de seus visitantes.

(Re)criando o título da exposição

Essa foi a atividade proposta aos alunos após percorrida a exposição mediada. Salienta-se, nas páginas acima, a necessidade de refletir sobre quais as histórias que estão sendo contadas pelos monumentos urbanos. Estes foram feitos para evidenciar a presença e homenagear pessoas, símbolos e feitos, mas também revelam ausências. Ao final da mediação, retomou-se, com os alunos, o título da exposição – “A história da cidade em risco” –, convidando-os a um diálogo crítico com ele por meio dos seguintes questionamentos: a exposição abarca toda a história da cidade? Pensando na história de Porto Alegre conhecida por vocês, que figuras não estão representadas aqui? A intenção primeira não foi tecer uma crítica ao título da exposição, mas utilizá-lo como gatilho para a retomada da reflexão realizada no percurso da mediação.

No momento em que esses questionamentos foram lançados, foi possível discutir com os estudantes as formas como monumentalizou-se – tendo em vista o contexto histórico em que aquelas peças foram produzidas – e como essa prática é realizada na contemporaneidade, desencadeando uma reflexão sobre como outros indivíduos/grupos sociais aparecem ou não no patrimônio estatutário da cidade. A partir disso, alguns alunos trouxeram o exemplo do Museu de Percurso do Negro⁹, o qual revelou a presença das comunidades negras no centro da capital por meio dos espaços e símbolos religiosos e culturais dessa população.

A fim de retomar, perceber e documentar a aprendizagem dos estudantes, foi proposto que eles recriassem o título da exposição, tendo em mente os questionamentos colocados anteriormente e as reflexões construídas durante a mediação. Para isso, os alunos formaram pequenos grupos para a realização da atividade, para a qual disponibilizou-se cartolina e canetas coloridas para a escrita.

A seguir, seguem alguns exemplos dos títulos criados por eles. Salienta-se que, em cada mediação, os grupos criaram mais de um título em cada cartaz, porque foram mudando a partir de conversas internas de seu grupo, bem como questionamentos balizadores de suas professoras e do mediador. Cabe ainda dizer que todos os títulos são de autoria dos alunos, sem intervenção direta de outras pessoas – professoras, mediador.

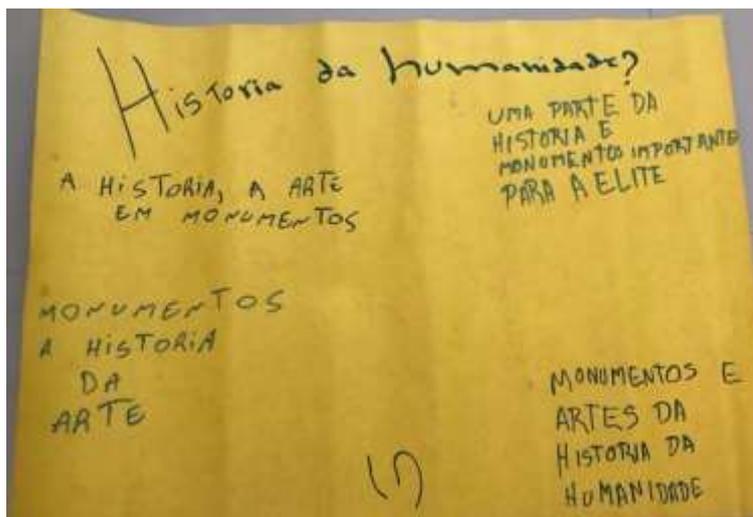
A primeira mediação ocorreu no dia 25 de setembro de 2019, quando foi recebida uma turma de sétimo ano do ensino fundamental. Apesar de ser uma turma pequena (8 alunos), ela necessitou de um incentivo maior para realizar a atividade. O primeiro título criado por eles fora “Monumentos e arte: a história da humanidade”, o qual continua de acordo com o título original da exposição.

A partir disso, foi necessário haver pequenos questionamentos para que o grupo refletisse e desenvolvesse um título que desse conta do que fora debatido na mediação. Assim, surgiram os títulos: “Uma parte da história e monumentos importantes para a elite” (Imagem 2); “Um pouco da história de Porto Alegre”; e “Pedaços de nosso passado em Porto Alegre” (Imagem 3). Notou-se que os últimos títulos são bem diferentes do primeiro, e palavras como “um pouco”, “uma

⁹ Projeto que busca dar visibilidade à comunidade afro-brasileira em Porto Alegre, por meio da instalação de diversas obras de arte em locais públicos, evocando a presença histórica e a memória sócio-cultural dessa população no centro da cidade. Maiores informações encontram-se no site do projeto: <<http://museudepercursodonegroempuertoalegre.blogspot.com/>>.

parte”, “pedaços” explicitam que os estudantes refletiram e compreenderam que aqueles monumentos expostos contavam uma determinada história da cidade. Além disso, ao colocar “importantes para a elite” em um título, um dos grupos expôs o seu entendimento do grupo social responsável pela monumentalização de algumas peças, revelando a compreensão de que aqueles símbolos e indivíduos não foram escolhidos de forma neutra para a elaboração estatutária.

Imagem 3: Cartaz elaborado pelos alunos/as do sétimo ano



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Imagem 4: Cartaz elaborado pelos alunos/as do sétimo ano

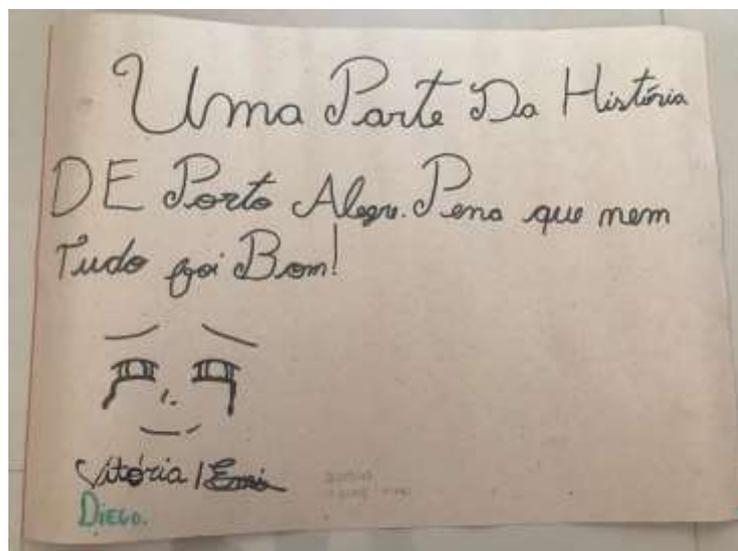


Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Na segunda mediação, contou-se com a participação de 11 alunos de uma turma de quinto ano do ensino fundamental, no dia 26 de setembro. Dentre os títulos, destacam-se dois, os quais

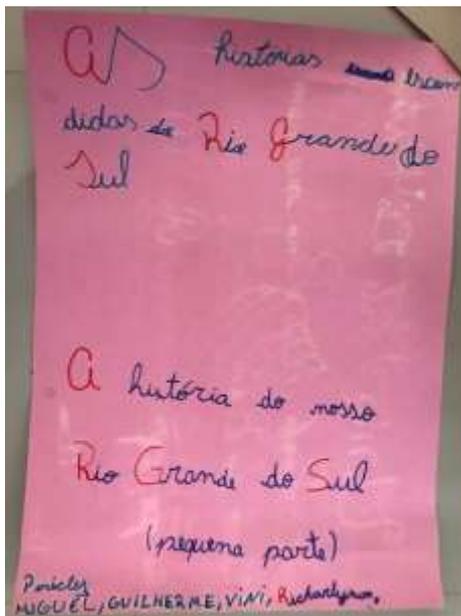
vão ao encontro da reflexão proposta na mediação: “As histórias escondidas do nosso Rio Grande do Sul” (Imagem 4) e “Uma parte da história de Porto Alegre. Pena que nem tudo foi bom” (Imagem 5). O primeiro traz fortemente a palavra “escondidas”, a qual diz respeito às histórias para além dos monumentos lá expostos, mas que foram desencadeadas por meio daquelas peças. O segundo título, por sua vez, assim como na primeira mediação, traz a expressão “uma parte”, também mostrando que a exposição trouxe apenas um pedaço de tantos episódios e figuras que formam a história de Porto Alegre. Ainda nesse título, percebe-se quase um tipo de lamentação expresso pelos alunos na frase “pena que nem tudo foi bom”. Acredita-se que isso ocorreu pelo fato de as outras histórias, que não as de uma elite burguesa urbana, são permeadas por relatos de resistência, marginalização social e cultural, luta por direitos etc. Na mediação, esses conceitos foram abordados e debatidos com os estudantes quando os monumentos se relacionavam com os aspectos que levaram à desapropriação da comunidade negra – escravizados e ex-escravizados – do centro da cidade. Tentou-se exemplificar essa situação não apenas com a realidade de Porto Alegre, mas evidenciando que esse tipo de política governamental foi – e continua sendo – uma realidade em outras capitais brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Imagem 5: Cartaz elaborado pelos alunos/as do quinto ano



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Imagem 6: Cartaz elaborado pelos alunos/as do quinto ano



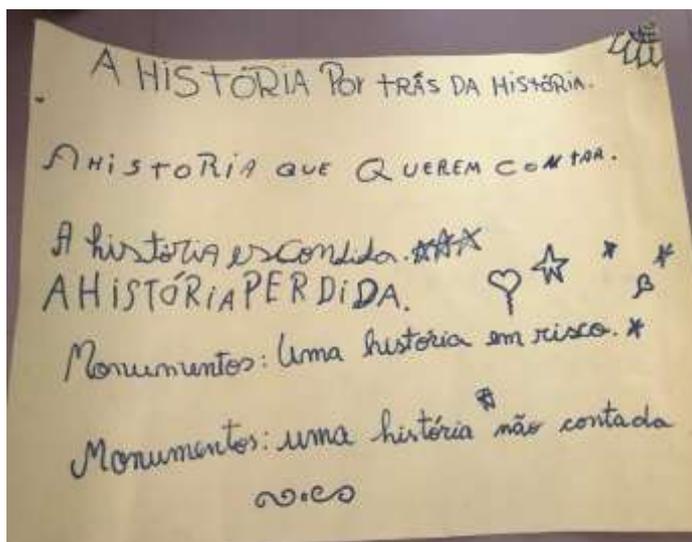
Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Por fim, a terceira mediação ocorreu no dia 27 de setembro, com 16 alunos de quarto e quinto ano, concomitantemente. Nessa visita mediada, surgiram os títulos mais marcados no que concerne à intencionalidade da monumentalização. Destaca-se os seguintes títulos: “A história que querem contar”; “A história do RS contada pelos poderosos”; “A exclusão dos pobres na história dos monumentos”; e “A metade do Rio Grande do Sul na sua história”.

Durante todo o percurso mediado, tentou-se salientar a intencionalidade na criação de um monumento, tendo em vista seu contexto histórico de realização. Isso foi feito com a intenção de refletir sobre a não neutralidade da monumentalização. As peças expostas foram tratadas como “monumento/documento”¹⁰, isto é, expor o monumento à crítica, à reflexão e evidenciando aos alunos que aquele fato ou indivíduo, representado em pedra, bronze ou ferro, foi escolhido para estar ali. Mostrou-se, portanto, que os silenciamentos, em certa medida, também são intencionais.

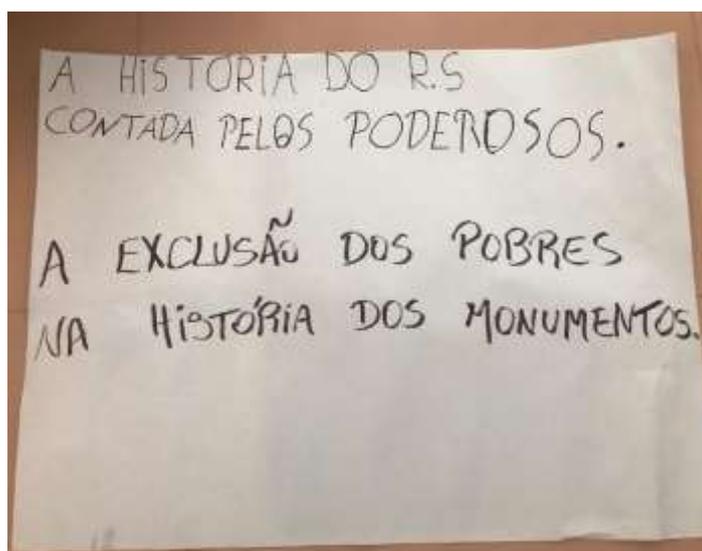
¹⁰ Trocadilho que parte da inversão do título do conhecido texto “Documento/Monumento”, de Jacques Le Goff. Ver Le Goff (1990).

Imagem 7: Cartaz elaborado pelos alunos/as do quarto e quinto ano



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Imagem 8: Cartaz elaborado pelos alunos/as do quarto e quinto ano



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Essas frases elucidam a importância da reflexão mediante os objetos da exposição. Pode-se perceber, de fato, que as peças trazidas na exposição não dão conta de toda a história de Porto Alegre. Além disso, revelam que houve uma reflexão por parte dos alunos sobre a intencionalidade do ato de monumentalizar, a qual foi balizada pelos interesses de uma elite social e política – “a história que querem contar” –, passando pela “exclusão dos pobres”.

Considerações finais

Nesta última parte, traçam-se algumas conclusões a que a mediação realizada permitiu chegar ou identificar. O contato dos estudantes com as peças expostas, por meio das reflexões propostas, pode levar os alunos a outras questões sobre o espaço urbano onde vivem, repensando os símbolos, personalidades, eventos, culturas que foram e estão sendo escolhidas para permanecer na memória coletiva da cidade. Afinal, o que os monumentos falam sobre nós e nossa história? As reflexões realizadas pelos alunos no decorrer da mediação também permitiram pensar criticamente sobre as diversas narrativas que disputam o espaço simbólico no patrimônio cultural, além da necessidade de repensar os signos e símbolos que estão projetados em Porto Alegre.

A partir da mediação realizada, constatou-se que os alunos tomaram posse de um olhar crítico perante os objetos expostos. Um exemplo dessa constatação foi o de uma aluna que, ao observar os monumentos em homenagem à Guerra Civil Farrroupilha, perguntou ao mediador o porquê de o Rio Grande do Sul comemorar uma guerra em que fora derrotado. Outro exemplo foi o questionamento sobre a falta de personagens mulheres na estatuária pública, ausência percebida como fruto de uma sociedade culturalmente patriarcal. Nesses exemplos, evidencia-se que a criticidade dos estudantes foi fomentada pelo contato com os monumentos e pelo processo de mediação.

Por meio dos títulos criados pelos estudantes, acredita-se que a reflexões propostas durante a mediação permitiram aos alunos tomarem posse de uma história mais plural, a qual é permeada por uma série de disputas e desigualdades sociais. Entende-se, dessa forma, que isso vá ao encontro dos objetivos que norteiam as ações em Educação Patrimonial, os quais visam a compreensão sócio-histórica dos indivíduos por meio de um aprendizado social, plural e democrático das coletividades humanas.

Referências bibliográficas:

ALVES, Francisco das Neves. Estatuária, patrimônio histórico e ensino de história: o caso do monumento ao Barão do Rio Branco na cidade de Rio Grande. **Historiae**, v. 6, n. 2, p. 167-212, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/5592/0>>. Acesso em: 02 set. 2019.

ALVES, José Francisco. Inventário da escultura pública de Porto Alegre. In: BULHÕES, Maria Amélia (Org.). **Memória em caleidoscópio**: artes visuais no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005, p. 135-160. Disponível em: <https://www.academia.edu/546419/Invent%C3%A1rio_da_escultura_p%C3%BAblica_de_Porto_Alegre>. Acesso em: 03 abr. 2020.

- BAKHTIN, Mikhail Volochinov. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico da Ciência da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BERTIN, Soraia; ENDRES, Raquel; ROCHO, Lara. Memorial do Rio Grande do Sul: recuperando práticas educativas. **Aedos**, Porto Alegre, v. 4, n. 11, p. 638-651, set. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/31761>>. Acesso em: 28 ago. 2019.
- DOBERSTEIN, Arnaldo. Escalada, Caríngi e o gauchismo na estatuária. In: CLEMENTE, Elvo (Org.). **Integração**: Artes, Letras e História. Coleção Conesul 2. Porto Alegre: EDIPUC, 1995.
- FLORENCIO, Sonia et al. **Educação Patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Brasília: IPHAN, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/1VhZXDQ>. Acesso em: 02 set. 2019.
- IPHAN. **Patrimônio Cultural**, 2014. Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em: 27 dez. 2019.
- KNAUSS, Paulo. A interpretação do Brasil na escultura pública: arte, memória e história. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, a. 171, n. 449, p. 219-232, out./dez., 2010. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/172-volume-449.html#tab-ver-revista>>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEME, Maria C. da S. Urbanismo: a formação de um conhecimento e de uma atuação profissional. In: BRESCIANI, Maria S. (Org.). **Palavras da Cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.
- MARINS, Paulo César Garcez. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo. Nova Série, v. 6/7, p. 9-36, 1998-1999. Editado em 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v6-7n1/02.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- RAMOS, Francisco R. Lopes. Objeto gerador: considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história. **Revista Historiar**, v. 8, n. 14, p. 70-93, 2016. Disponível em: <<http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/234>>. Acesso em: 02 set. 2019.
- _____. **A Danção do Objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.
- SIMAN, Lana M. Cidade: um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas. In: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara. **Cidade, Memória e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013. Disponível em: <https://docgo.net/view-doc.html?utm_source=texto-lana-livro-cidade-memoria-e-educacao-pdf>. Acesso em: 02 jan. 2020.
- SIMON, Nina. **Opening up the Museum**. Palestra proferida no TEDx Talks, Santa Cruz (Califórnia), set. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aIcwIH1vZ9w&t=386s>>. Acesso em: 20 set. 2019.
- TOLENTINO, Átila B. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In: TOLENTINO, Átila B.; OLIVEIRA, Emanuel. **Educação patrimonial**: políticas, relações de poder e ações afirmativas. João Pessoa: IPHAN-PB, Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016, p. 38-48. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_educacao_patrimonial_05.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 237-248, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100009>. Acesso em: 26 ago. 2019.

VYGOTSKY, Lev S. Aprendizagem e desenvolvimento na Idade Escolar. In: VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, A.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11^a. Edição. São Paulo: Ícone, 2010.